

Stadium

N.º 114 ★ 7 DE FEVEREIRO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



NÊSTE
NÚMERO

DUPLA SEPARATA
com os grupos do
SPORTING
e do
A. AVIACIÓN

Os portugueses atacaram e defenderam-se com bravura. Eis uma imagem que representa o valor da defesa sportinguista — **acima de tudo salvar o goal.** Num ataque do Aviação, com Juncosa e outro jogador que está encoberto, Azevedo e M. Marques chocam perigosamente. Ficam magoados, cada um com ferimentos na cabeça, mas não abandonam a luta, na qual desempenharam um papel brilhante

O GRANDE CAMPEONATO

Sporting - Pôrto, a grande luta!

Mantem-se o ataque aos da frente e a dúvida quanto ao título

Crónica de TAVARES DA SILVA

A undécima jornada do Campeonato Nacional de futebol, disputada com interesse e vibração, diz-nos que todos os concorrentes mantêm as suas forças em potencial, mostrando-se pouco dispostos a tornar a vida fácil aos que se encontram no cimo da montanha. Por outro lado, os que estão lá no alto olham cá para baixo com muita atenção, fazendo os seus cálculos o melhor possível e o balanço da situação geral. Assim, os caminhos tornam-se mais difíceis de domingo para domingo. Mal se passa uma tormenta—logo vem outra. Não há jornadas de repouso. Os resultados, embora previstos, não desastam estas afirmações. É preciso saber ler os números, e relacioná-los com as exibições em campo. Vejamos:

Sporting	5	—	Pôrto	4
Académica	2	—	Benfica	6
Vitória (Setúbal)	2	—	Belenenses	3
Estoril	5	—	Vitória (Guimarães) ..	2
Olhanense	6	—	Salgueiros	2

Resultados previstos, é certo. Venceram aqueles que se calculava. Tal como as forças se encontravam distribuídas, o rancho dos ganhadores está bem apertado. Todavia, algumas vitórias foram arrancadas verdadeiramente a ferros. Haja em vista o que se passou no Lumiar e no Barreiro. Mesmo aquelas lutas em que os números aparecem distanciados nem por isso foram jogos fáceis, em que am dos adversários se conduz à maneira de treino. Em Coimbra, por exemplo, o desafio comportou aspectos de grande vivacidade. No Estoril também. Nesta jornada as linhas dianteiras tinham os pés afinados. Não houve *team* que não marcasse. O Pôrto, perdendo, conseguiu quatro bolas. Os outros vencidos usaram a mesma bitola, chegando aos dois *goals*.

Pode afoitamente dizer-se, em todo o caso, que a jornada vista em globo foi de luta, vibrante e por vezes equilibrada, ao contrário daquilo que os resultados deixaram sabor. 6-2 e 5-2 são números que fazem nascer a ideia de tarefa fácil. E na realidade tal não aconteceu, havendo competição nos cinco terrenos da undécima jornada.

Além de luta—jogou-se francamente bem em alguns campos, sendo de salientar o grande jogo do Lumiar, com dois *teams* que, usando o sistema de marcação, são de características diferentes, no máximo das suas forças e possibilidades. Um futebol que consegue dar imagens como a do Lumiar não está em decadência.

A classificação geral não sofreu alterações. As forças estão dispostas na grande batalha com a mesma disposição. Benfica segue à cabeça, com dezoito pontos. Alrás, esperançado, o Sporting, com dezasseis, e logo colado, o Belenenses, com quinze, espreitando o momento. O Pôrto deixou-se distanciar mais, tendo agora de discutir a questão do quarto lugar com o Olhanense, visto ambos marcarem doze pontos. Seguem-se depois quatro clubes separados por um ponto: Estoril 10, Vitória (Setúbal) 9, Vitória (Guimarães) 8, e Académica 7. O Salgueiros, sem possibilidade de fuga, permanece no último posto, já nem se dando pela luz da lanterna.

O duelo de duas poderosas linhas de ataque contra os redutos da defesa

O Sporting teve de fazer cinco bolas para bater o Pôrto. Quem supunha que os portuenses obrigavam o seu adversário a desenvolver um esforço tão grande? Por certo pouca gente. Quatro vezes o Sporting se colocou em vencedor, e outras tantas teve de recomeçar. Sempre o Pôrto conseguia o empate. Diga-se já: não por acaso ou sorte, mas insistindo no ataque e com a ideia de *goal*, no desejo claro de marcar. Só a 4 minutos do fim a recarga vitoriosa de Barrosa—um pouco de acaso—pôs termo à questão. O Sporting vencerá justamente, podendo orgulhar-se de ter derrotado um grande vencido.

9 *goals* num desafio e entre dois concorrentes categorizados parecem significar *fortes linhas avançadas e fracas defesas*. Há um fundo de verdade nisto. É, no entanto, de rectificar o que respeita ao aspecto defensivo. As defesas não se portaram lá tão fracamente como isso, embora não tenham actuado de forma superior. Sucedeu apenas que, em campo, evoluíram duas grandes linhas de ataque, amá à base da energia e da passagem, outra tendo como fundamento a habilidade dos seus componentes e a visão do conjunto.

Quando uma linha desenvolve os seus ataques como o fizeram os *leões*, com energia, rapidez e acerto na ligação, e ainda por cima com o maior dos entusiasmos, é difícilíssimo a um trio defensivo, mesmo com o auxílio dos médios e à integração na moderna marcação, inutilizar a actividade dos atacantes. O certo é que as defesas portuenses, pese à sua boa vontade, foram um pouco inferiores. Para sua felicidade, os do Sporting não souberam tirar todo o proveito das situações criadas—senão, outro go! cantaria...

Também, dentro da sua maneira, a linha avançada do Pôrto jogou de forma superior, com admirável sangue frio e serenidade, construindo os seus ataques com a consciência perfeita do que estava a fazer, e revelando vários dos seus componentes grande e natural habilidade. Gomes da Costa foi o n.º 1, não se podendo exigir mais

em domínio de bola, concepção da jogada e momento prático da exploração. Catolino também se destacou singularmente, mostrando a sua adaptação ao lugar de *centro*, a prova de que estamos em presença de um excelente jogador.

Com tal linha pela frente, uma defesa da altura da do Sporting (Azevedo, Cardoso e Marques) foi batida várias vezes em jogo, e só em jogo, deixando-se perfurar com relativa facilidade. No grande duelo travado no Lumiar pelas linhas avançadas contra os redutos defensivos, aquelas levaram a melhor, a tal ponto que, revendo a partida, é o seu trabalho e esforço que nos aparecem com luz irradiante, havendo ainda a ter em conta que ambas as linhas medulares cumpriram a sua missão, dentro de características de persistência, apêgo e batalha em todos os momentos e de todos os grupos.

Benfica, de «moral» forte, venceu sem dificuldades

Há destes fenómenos na bola. Um desafio que tudo indica que seja difícil decorre com pouco interesse, e o vencedor ganha com o sorriso nos lábios. Para compensar também sucede o contrário: um desafio presumivelmente fácil transformar-se em difícil. O Académica—Benfica pertence à primeira espécie de encontros. Presenciado por grande assistência, o jogo não deu grande luta, nem luta apegada, senão numa curta fase da primeira parte, aquela que foi a mais curiosa, ainda com lampejos. Para haver interesse é preciso haver competição. Pode um *team* ser superior a outro, e no entanto a luta segair-se com a mais viva curiosidade, quando o menos categorizado põe em campo grande energia, a teimosa vontade de não deixar vencer. Ora na segunda parte, já batida pelo número dos *goals*, a Académica não estava em condições físicas, e morais, de se resgatar pela força de vontade e pelo entusiasmo. Com dois *goals* contra, e uma unidade a menos (Conceição), o estado colectivo da Académica não era propícia à reacção.

E o Benfica jogou perfeitamente à vontade—mandando no terreno. Já na primeira parte, de resto, os lisboetas tinham afirmado um alto nível de jogo, combinando com perfeição, num impressionante à-vontade. Todas as células movimentando-se sem atrições nem indecisões, cada unidade sabendo o que estava a fazer. Assim, nas duas vezes em que a Académica se colocou em vencedor, o facto não alterou o aspecto geral da partida. O Benfica aceitou as condições da luta sem apreensões, como que consciente da sua superioridade e certo de que, no momento oportuno, cairia a lãnd, não deixando escapar o triunfo. Quere dizer: o Benfica está em magnífica *forma* moral, e isto não é indiferente para o conjunto de observação e numa altura em que todos lhe movem a guerra, desde o mais perto ao mais afastado. A destacar ainda a velocidade posta em jogo pelo *team*, que muito contribuiu para o seu domínio, e o trabalho estapando da sua linha medular em que, como geralmente sucede, sobressaia a infatigável actividade de Francisco Ferreira.

O Belenenses, tendo dominado, venceu com dificuldades

A crítica tem batalhado no problema dos terrenos, chamando a atenção dos clubes e dos organismos que dirigem para o caso. Já que se mantêm os campos duros que, evidentemente, não auxiliam

(Continua na pág. 7)

AS NOSSAS SEPARATAS

DE acordo com o que anunciamos no nosso último número, devíamos começar hoje a incluir na «Stadium» as *separatas* com as fotografias dos capitães das equipas que disputam o campeonato de futebol da I Divisão Nacional. Aproveitando, porém, a oportunidade do encontro entre o SPORTING e o ATLETICO AVIACION, resolvemos oferecer primeiro aos nossos leitores uma **DIPLA SEPARATA** com as fotografias dos **DOIS «ONZES»** que disputaram o memorável desafio do Lumiar, **PUBLICAÇÃO DE GÉNERO INÉDITO ENTRE NÓS**, pois visa a homenagear não só o grupo português mas também o dos nossos simpáticos visitantes.

Assim, as fotografias dos **CAPITÃES DOS «TEAMS»** da I Divisão Nacional começarão a aparecer, em separata, como dissemos, a partir da próxima semana.

A publicação de EMBLEMAS A CÔRES

Continuam a chegar diariamente à nossa Redacção inúmeros desenhos de emblemas de clubes de todo o país, entre os quais já alguns das Ilhas. Recebemos também constantemente cartas de aplauso a esta nossa original iniciativa, o que prova o entusiasmo com que foi recebida.

De novo recomendamos aos clubes interessados que procurem fazer as remessas dos desenhos com brevidade, para nos facilitar a elaboração e montagem de tão vasto trabalho.



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

Há resposta para tudo...

Voltamos a lembrar que só responderemos a questões de futebol. Evidentemente que as perguntas sobre assuntos já esclarecidos não terão resposta. Dada a afluência das consultas justifica-se a demora. Temos pena de já não ir a tempo de satisfazer o pedido de *Curiosa algarvia*.

P. 31—Qual a razão porque o dr. Alberto Gomes, actualmente a jogar em Viana, não foi chamado para a ginástica e treinos da selecção? Describa ele tão depressa de forma, ou será por estar num grupo da provincia?

(Um vianense)

1.ª razão e fundamental: o conselho da selecção entendeu não necessitar dos serviços do conhecido jogador.

Desconhecemos presentemente a sua forma. É ainda, certamente, um valor.

Jogar num grupo da provincia ou de grande cidade não deixa de exercer certa influencia—para o facto.

P. 32—Em que ano se fundaram as Associações de Futebol de Lisboa e Pôrto. São as mais velhas? (Um tripeiro que não gosta de Lisboa).

Lisboa, em 1910; Pôrto em 1912. São as mais velhas.

P. 33—Qual é o melhor extremo direito: Manuel da Costa ou Espírito Santo? Encontrar-se-á nos jogadores Manuel da Costa, Espírito Santo ou Moreira o provável extremo-direito da selecção? (José Martins Moreira, de Ponte de Sor).

Esírito Santo tem outra classe. De resto, Manuel da Costa está ao presente tocado num joelho. Não tem treinado. Ao que parece, os seleccionadores não pensam em nenhum dos indicados.

P. 35—O Uruguai foi alguma vez campeão do mundo, em Jogos Olímpicos? Contra quem jogou na final? (Um brasileiro residente em Lisboa).

O Uruguai tomou parte nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924. A sua participação foi um êxito: jogo tão rápido, belo e precioso nunca se tinha visto! Venceu a Suíça, na final, por 3-0.

P. 34—Não acha que o F. C. do Pôrto e o Belenenses são tecnicamente os grupos que melhor praticam futebol em Portugal?

A meu ver, os três melhores guarda-redes nacionais são: Aze-

O CRÍTICO e a massa associativa

EM Espanha, há uma medida curiosa relativamente aos jornalistas do futebol. Estes são colocados, em lugares numerados, por diversos pontos do campo, afim de que o público não se meta com eles, não dando pela sua existência. Todos juntos, e num sitio determinado — tinha inconvenientes. Sucedeu, porém, que o Atlético Aviação não procedeu como em regra se procede no vizinho país, alojando antes os jornalistas em dois talhões: de um lado, os conhecidos pela sua inclinação *madridista*; do outro, os *aviacionistas* de boa capa. Porque lá, em Madrid, tudo se resume fundamentalmente a dois partidos.

O caso tem originado muitos reparos, contando-se já alguns incidentes que têm como alvo o local em que se encontram os jornalistas de filiação ou vocação *madridista*...

Saúdosos de Lisboa...

Lá se foram os espanhóis para Madrid, depois da permanência de alguns dias em Lisboa. Regressaram numa manhã chuvosa e agreste — mas saudosos.

É isso que desejamos frizar. Todos foram tão excelentemente tratados em Portugal, que nem um só momento se aborreceram. A direcção do Sporting não se poupou a gastos nos trabalhos. O seu pensamento era retribuir a boa recepção de Madrid, aquando da deslocação sportinguista. Ora os lisboetas excederam a expectativa.

O Sporting prestou um grande serviço ao futebol, e ao desporto, neste reatamento de relações futebolísticas entre os dois países. É justo assinalar o facto — na altura em que o clube consegue vários êxitos: desportivo, económico e diplomático.

vedo, Martins e Barrigana. Pode dar-me a sua opinião?

Dêstes que cito, qual lhe parece o melhor par de defesas: Alfredo-Guilhar ou Vasco-Feliciano? (Mário Guerra Ferreira Borges, do Pôrto).

Não acho. Barrigana não merece a posição que lhe dá, Vasco-Feliciano.

No entanto, a ideia geralmente seguida no vizinho país, de dispersar os críticos, dando-lhes um bilhete que não se distingue dos outros, parece-nos excelente. Não há desporto como o futebol, ou, havendo-o, não está tão enraizado entre nós, para excitar a multidão, e esta deixa-se levar facilmente pelos seus instintos e pelas primeiras impressões. Muitos despoitados aproveitam, mesmo, clinicamente, as ocasiões de exaltação colectiva para deixarem à solta, e em passeio trágico, os seus maus sentimentos.

O crítico, como o árbitro e como o jogador (o dirigente em menor escala), está muito em frente do público, que lhe aprecia a opinião, a imparcialidade, a ciência, o estilo, etc. Ora o jornalista da especialidade, na sua alta missão educativa, não pode transigir com a multidão (quando esta cega, chegando a não ver o que se passa), cumprindo-lhe proceder em consciência, encaminhando e orientando no bom sentido. Acima de tudo — dizendo a verdade. Pelo menos, aquilo que julga ser a verdade. Necessariamente, esta sua actividade produz, algumas vezes, desapontamento em sectores associativos, gerando movimentos de protesto. Depois — tudo esquece. Mas nesse momento — a multidão ciubista agita-se, virando-se para a *gente dos jornais*, e dando largas à sua paixão (espécie de lava de vulcão), mais ou menos ruidosamente. O jornalista lá se encolhe no seu recanto. Bem sabe ele tratar-se de coisa de momento, mas não deixa de ser submetido ao vexame de ser acusado de coisas de que não é culpado, transformando-se em alvo da massa, irada. E, meus amigos, não há nada pior (a única coisa que verdadeiramente nos apavora) do que a massa, cega e exaltada, à solta. É vê-la nos campos de futebol, quando se julga prejudicada pelo árbitro, ou com outros motivos, reclamando. Tudo se funde nessa massa: o sujeito culto e o que não tem cultura; o rico e o pobre; o velho e o novo; as mulheres e as crianças. Não fora em muitos casos a força — e havíamos de ver! Pois bem. Tudo isto veio a propósito dos lugares dados aos jornalistas-críticos em Espanha, e logo nos lembrou o que se passa por cá. Pode ser que este arrazoado não consiga despertar o interesse de quem quer que seja. Não importa. Talvez que se tenham tocado, só tocado, nalguns aspectos bem curiosos do futebol.

Idéias próprias e alheias

OUTRO dia, num desafio, Sporting-Vitória (Setúbal), mais uma vez tivemos ocasião de verificar o funcionamento deficiente da *arbitragem dos 3 árbitros*. Não é por essa razão, no entanto, que nos vamos referir à actuação de um dos juizes de linha.

Seria escusado acentuar — mas não faz mal fazê-lo — que as pessoas não estão em causa, neste como noutros aspectos. Interessa a hipótese, e a função. Ora deuse o caso do público, em desacôrdo com várias das decisões do juiz de linha (o público também sabe alguma coisa das Regras) o invecivar por palavras, em protestos mais ou menos ruidosos. Pois o *árbitro de linha*, em vez de se conservar alheio ao protesto quasi colectivo, pondo toda a sua atenção no jogo, várias vezes se voltou para o público, também em atitude ostensiva e de desafronta.

Quem se dá à função de árbitro, em qualquer dos seus aspectos, sujeita-se por dever de officio a ver a sua tarefa apreciada pelo público. Ainda se admite que este seja derespitoso. Ao árbitro — nunca tal se pode admitir.

O sr. A. Valente, homem dado a coisas de futebol (pelo que nos informam), começou há dias a sua carreira de jornalista, pelo menos notada, escrevendo uma crónica de futebol. Pois começou logo por afirmar — mais palavra, menos palavra — que os cronistas não têm escrito nada que se aproveite, que o público está saturado de tanta coisa igual, que importa arripiar caminho e que é ele (A. Valente) é que vai iniciar o grande movimento renovador da critica desportiva em Portugal. Primeiro — com a subtilidade devida. Depois — a fundo.

As atitudes irreverentes, quando com fundamento, são sempre simpáticas. Permitimo-nos, no entanto, afirmar que, por exemplo e para não citar outros nomes, algumas das crónicas de Ribeiro dos Reis e Cândido de Oliveira são verdadeiramente modelares, nunca enfadaram o público — e muito têm contribuído para o aperfeiçoamento do jogo e para que o público aprenda a ver futebol.

É certo que o sr. A. Valente — pelo que já lêmos — revela grandíssima capacidade. A sua actividade exercerá, por certo, grande influencia... Mas não nos devemos esquecer que há por ai uns escrevinhadores que já fizeram alguma coisa...

Assine a revista "Stadium"

O combate de CORBETT e FITZSIMMONS, em 1897, nota o campeonato do mundo electivo e o povo americano reconstituição de Rafael Barradas

O californiano James Corbett, precisamente um ano depois de alcançar sobre John Sullivan a retribuída vitória que lhe trouxera o campeonato do Mundo, subita ao quadrângulo para travar outra batalha — a última antes de guardar as luvas por longo prazo.

O seu antagonista, Peter Courtney, baixava a cerviz ao 6.º assalto e o árbitro, contand'ele dez, consumava a derrota definitiva por Knockout.

Durante dois anos Corbett evitou qualquer antagonista sério, contentando-se em amalhar dólares e preferindo os palcos ao «ring». Percorreu todo o continente americano em giros de propaganda e exhibições, desempenhando o papel de herói romântico numa peça escrita propositadamente para elle — cuja cena culminante comprehendia um duelo a sôco, muito aplaudido.

Corbett nascera em S. Francisco da Califórnia filho de pais irlandeses. Fixara estudos naquela cidade e aos vinte anos entrava como esiza para um dos bancos mais importantes. Tanto pelas suas maneiras afáveis e distintas como pelo seu físico atraente, teve diante de si um futuro promettedor. Mas a paixão desenfreada pelo boxe atrai-o a outros destinos e transformou o elegante mancebo num lutador de primeira força. Cedo foi campeão dos amadores e depois, seguindo o conselho dos amigos, rasgou a veste immaculada do amadorismo e tornou-se profissional.

O tempo que viveu por circo e teatros constituiu para a propaganda do pugilismo um ótimo impulso. Corbett exerceu formidável influencia na mentalidade dos seus contemporâneos e convencen-os de que o boxe, longe de ser um desporto de brutos e só para brutos, podia mostrar-se fôgo limpo e gracioso, próprio de pessoas decentes.

Mas rivais persistentes e audaciosos langavam-lhe reptos pela imprensa. O australiano Robert Fitzsimmons e os irlandeses Tomás J. Sharkey e Peter Maher formavam o grupo mais exigente e importante. Corbett procurou aquietá-los, declarando publicamente que se desinteressara do boxe e

entregando o título a Peter Maher. Não passava de um subterfugio e de compasso de espera.

O pertinas Fitzsimmons arrebatara em Janeiro de 1891 o campeonato dos médios e procurava, a todo o transe, lutar com o vencedor de Sullivan. Abateu primeiro Maher, em 1 minuto e 35 segundos, mas não conseguiu derrotar Tomás Sharkey, vencedor por desclassificação.

Por fim, após uma séria longa de peripécias e discussões, Corbett dispôs-se a lutar contra o australiano.

Desde os primeiros dias do ano de 1897 o povo norte-americano parecia ter perdido a razão. Firmavam-se copiosas apostas, atingindo milhares de dólares, e discutiam-se as probabilidades dos dois jogadores com grande calor.

Tanto Corbett como Fitz haviam depositado 2.500 dólares, como garantia da sua comparência no «ring», e a enorme animosidade que alimentavam um pelo outro — profunda — era de domínio público e excitava os concededores.

No dia 17 de Março, a cidade de Carson, no Nevada, encontrava-se em festa e cheia de animação. Dan Stuart construiu uma arena de avantajadas dimensões, onde se effectuaria o ansiado combate para o título mundial de todas as categorias e para a «bólsa» de 30 mil dólares. Fora nomeado árbitro Georges Siler, pessoa honesta e muito competente. Entre os espectadores viam-se muitas celebridades do «ring»: Sullivan, Sharkey, Mac Auliffe, etc. O tempo estava soberbo e a atmosfera de uma limpidez rara, embora fria e agreste. Corriam bostas de que o árbitro não sairia vivo do quadrângulo se a vitória pertencesse a Fitzsimmons...

O cinema, ainda embrionário e propriedade exclusiva do inventor Edison, instalara-se habitualmente.

Sullivan, arrastando a pomposa berriga, subiu ao «ring» e desafiou o futuro vencedor. Foi aplaudido. Entretanto subia Corbett com os seus auxiliares e do outro lado Fitzsimmons com os ajudantes.

Corbett atacou durante os primeiros assaltos com vivacidade e demonstrou possuir muito mais apurada técnica e rapidez. Sempre que os seus punhos atingiam o alvo, ouvia-se a multidão dos seus admiradores aplaudir de modo especial, incitando-o por palavras. Good boy, Jim! — era a frase que saía da boca do público a cada passo.

No 3.º assalto a superioridade de Corbett é notável, fazendo alarde da sua agilidade e variedade de golpes. Fitzsimmons, conquanto batido, parece reservar-se para um golpe só, em cheio, de resultado imperdível.

No 5.º assalto Corbett rompe o nariz do adversário e pisa-lhe a boca sem piedade, inchando-lhe as faces e fazendo soltar o primeiro sangue.

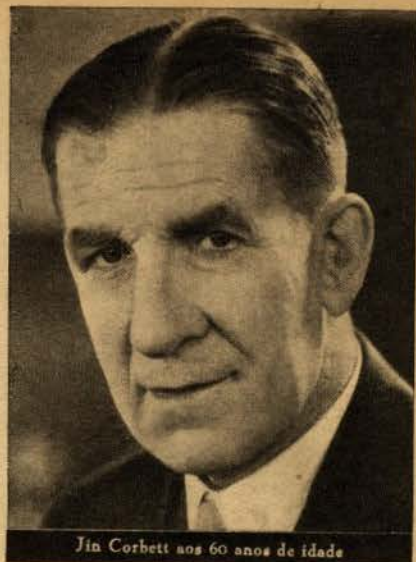
No canto de Fitz reina a confusão e a tristeza. No assalto imediato, Corbett atacou com o maior entusiasmo e atingiu o nariz de Fitzsimmons com tal dureza que o prostrou. Ao 9.º segundo o australiano levantou-se cheio de vontade e combateu com denodo. Corbett, confiado, diminuiu de cautela, o que levou certo espectador a avisá-lo: «Cuidado, Jim: elle é raposa sabida e está simulando!»

Tôda a gente, apesar da marcada superioridade de Corbett, sentia que Fitz não estava batido e que reservava qualquer golpe poderoso e matreiro. No 7.º e 8.º assaltos a saravada de golpes que rompem, rasgam e pisam as feições do australiano, aumenta de intensidade. Só um pugilista muito corajoso poderia aguentar tanto tempo sob tão tremendo castigo.

O 9.º assalto foi a repetição do anterior e o público começou a aconselhar-lhe que desistisse. Mas no round seguinte, Corbett, ligeiramente fadado, compreendeu que tinha diante de si um homem tão indifferente ao castigo e tão vigoroso como se nada lhe houvesse sucedido antes.

Aquele 10.º round mudou a face das coisas. Corbett já não conseguia evitar por completo os poderosos ataques de Fitz e era levado ás cordas. Resistindo, veio até meio do ring e trocou golpe por golpe com o antagonista.

No 11.º assalto a mobilidade do campeão diminuiu mais acentuadamente. Fitz atinge-o duas vezes na face, com força, e em seguida reacendeu-se a luta, sócos de um lado e do outro, capazes de



Jim Corbett aos 60 anos de idade

demolir uma parede. O público pressentiu que Fitz era o mais fresco de ambos e que a sorte da luta era capaz de mudar de rumo.

A coragem de Corbett manifestou-se no assalto seguinte, durante o qual atacou com directos da esquerda e golpes ao tronco, recebendo dois fortes golpes no queixo, á sáida de um corpo-a-corpo. Foi então que o californiano perdeu a melhor oportunidade de arrancar uma vitória brilhante.

Houve novo corpo-a-corpo, durante o qual Fitz não levou a melhor, saindo de braços tombados ao longo do tronco. Que bela ocasião para um uppercot potente! Corbett reparou na oportunidade e lançou o ataque, mas uma fracção de segundo demasiado tarde! O golpe partiu cheio de vigor e passou a uma polegada do queixo de Fitz, perdendo uma ocasião soberba de concluir a refrega.

O 13.º round decorreu algo monótono e Corbett descançando dos esforços anteriores e Fitzsimmons procurando um momento propício para colher o adversário, em sitio sensível, com um sóco potente.

No começo do 14.º assalto o auxiliar-principal do campeão, Delaney, gritou-lhe: «luta com elle a teu modo, para uma decisão a longo prazo...»

A expressão fisionómica de Delaney traduzia ansiedade e comoção. Notou o ligeiro cansaço de Corbett e o vigor crescente do antagonista, e por isso julgava preferível não arriscar a pele e ir pelo seguro.

Trocaram-se alguns sócos e de repente viu-se o punho esquerdo de Fitz entrar pelo estômago de Corbett como através de manteiga e quasi ao mesmo tempo a mão direita atingir a ponta do queixo do campeão.

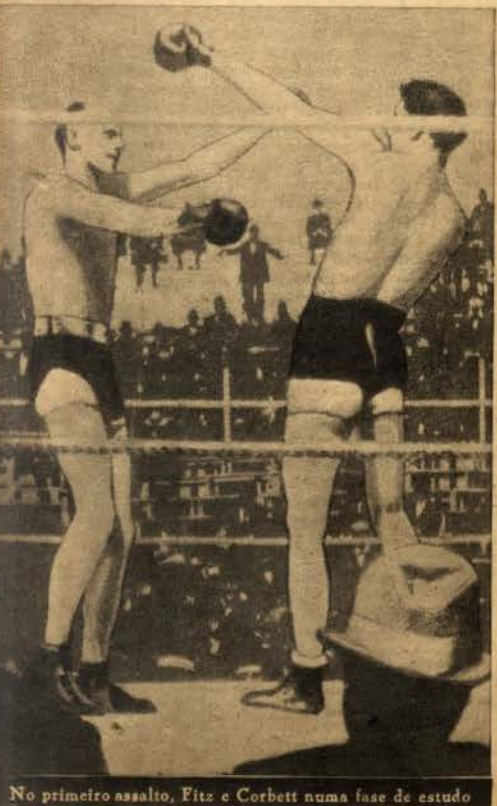
Corbett tombou de joelhos, agarrando numa das cordas, branco como a cal e os olhos revirados, a ponto de não se verem as pupilas. Não perdera o sentido mas os músculos recusavam-se a obedecer á sua própria vontade. O árbitro contava os segundos perante a ansiedade da assistência e na ocasião em que pronunciava o fatal «dez» Corbett levantou-se do solo.

Demasiado tarde! A derrota fôra proclamada e o campeão vencido parecia louco, reclamando com o máximo vigor que se levantara antes da contagem e que o golpe de Fitzsimmons fôra aplicado demasiado baixo! O árbitro, muito pálido, mantinha o reu ponto de vista, afirmando que o sóco havia sido regular.

Nisto Corbett, desvalrado, precipita-se sobre Fitzsimmons e applica-lhe um golpe tremendo na cara. O ring está cheio de gente que não comprehendeu os acontecimentos, por haverem sido muito bruscos, e procura serenar os ânimos, indagando o que houve.

A vitória de Fitzsimmons nunca foi contestada. No entanto, o film do combate — o primeiro que se havia feito, mostra que o australiano não ganhara tão limpamente como elle próprio supunha. Com o antagonista já no solo observa-se que o punho de Fitz ainda lhe sacudia o queixo, com bastante vigor.

Enfim, o resultado ficou e Corbett, apesar de ter solicitado por todos os modos a desforra ao seu vencedor, nunca a obteve, porque o astuto australiano sabia ser muito difficil repetir a proeza que o fizera campeão, fruto das suas excellentes qualidades de lutador, é inegável, mas principalmente obra de paciente e estudado plano, difficil de repetir.



No primeiro assalto, Fitz e Corbett numa fase de estudo

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



TIRO: 1—A Federação Nacional procedeu à distribuição dos prémios das provas do último ano antes da reunião da sua assembleia. A fotografia mostra o grupo dos premiados e de parte dos dirigentes. **HIPISMO:** 2—No momento da partida dos cavaleiros srs. capitães José Carvalhosa e António Spínola, na qual *Sedivm* se fez representar pelo seu redactor Antas Teixeira. **BASKET:** 3—A justificada alegria dos elementos do Belenenses pela tríplice vitória no campeonato lisboeta de "basket" tem tido diversas manifestações. A fotografia mostra alguns dos convivas ao almoço oferecido por Acácio Rosa aos jogadores que dirige. Mas à hora a que fechamos a nossa paginação efectua-se na Casa das Beiras um banquete de homenagem, promovido pelo clube dos "azuis", ao qual faremos referência na próxima semana. **TENNIS DE MESA:** 4—As equipas A e B do Benfica, que disputaram a final da taça "Diário Popular". **BODA DE UM FUTEBOLISTA:** 5—João da Cruz, popular jogador de futebol, consorciou-se há pouco. A gravura mostra-o com sua esposa, depois da cerimónia nupcial. Desejamos-lhe felicidades. **NO PORTO:** 6—A equipa do académico F. C. de "ténis" de mesa, campeã regional. 7—A mesa de honra na inauguração da nova sede do Ermesinde S. C. campeão da III Divisão da A. F. P., durante a qual foram homenageados os respectivos jogadores; 8—Os concorrentes ao "short-mato" da A. P. A. para o título regional de "estrepantes"

Chaves de todos os modelos

Perdeu-as? Perderam-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na

CASA DAS CHAVES

de Amadeu Gomes da Fonseca

R. da Mouraria, 3 (Frente ao Cinema) • Tel. 28050



O futebol português e o de Espanha no jogo Sporting-Atlético Aviação

JA está feita, a uma semana de distância, toda a apreciação técnica e objectiva ao acontecimento internacional que se desenvolveu no estádio do Lumiar, entre o Sporting e o Atlético Aviação, num cenário que nos fez recordar os grandes desafios internacionais, em entusiasmo e nos contos de reis, pois a receita excedeu a casa dos trezentos contos. Importa, no entanto, fixar as linhas gerais do encontro que pôs em confronto, através de dois *teams* categorizados, o futebol português e o de Espanha.

Os portugueses ficaram fazendo uma ideia do futebol espanhol actual que não corresponde à verdade. Muito longe da verdade. É preciso vê-los lá, em Espanha, para se ter a ideia exacta do seu jogo. Ou então, quando transportados para o nosso país, em terrenos de relva. De resto, o Aviação sómente pediu uma coisa ao Sporting: *jogar em terreno relvado*. Ainda se fez uma tentativa — mas não era possível. Para o jogo espanhol, todo de domínio de bola e rápidos, é indispensável o campo macio de verdura. A bola obedece ao pequeno toque e segue depois o rumo conveniente em passagem curta ou longa, que isso já depende das características de cada grupo. Nos terrenos calvos, que não existem em Espanha, a bola é insubmissa e sempre rebelde, justificando-se desta forma que homens de excelente domínio dêem a impressão de falta de habilidade. Ora se alguma coisa este famoso conjunto castelhano tem, é, precisamente, *domínio de bola*. Campos, por exemplo, chega a ser um malabarista, um avançado de preciosismos e de jogadas de adorno e graça. Pois Campos não chegou a ser notado no Lumiar! O homem que mais deu nas vistas, na linha da frente, talvez tivesse sido Juncosa, um excelente avançado-centro, que se mostrou aqui simplesmente batalhador. Porque Vasquez foi o que jogou mais à vontade, salientando-se no capítulo do remate. A asa direita, Adrover e Ametzoy, raras vezes ligou as suas combinações.

Machin brilhou na primeira parte, fazendo o seu lugar e tapando as deficiências do centro, enquanto que com German sucedeu precisamente o contrário: começou desastrado e francamente inferior, como que perdido na batalha, para depois dar rumo certo à sua vida, desempenhando-se da missão com utilidade. Já Gabilondo, uma grande dedicação clubista, e só por isso mesmo no *team*, se mostrou de inferioridade a toda a prova.

O par de defesas não passou de um nível regular. As primeiras intervenções de Aparício foram esplêndidas de energia e oportunidade; aos poucos, porém, a sua actividade foi esmorecendo, igualando-se a Riera, que sabemos um científico do jogo. Ederra, a par de coisas magníficas, também teve deslizes. De resto, trata-se de um guarda-rédes com altos

Maximino Campos

do Barreirense

vai deixar o futebol

QUANDO ainda se poderia esperar algo do seu saber e da sua habilidade, o *Joqueno* interior Maximino vai deixar o futebol.

Retira-se, porém, com 31 anos de idade e 14 de actividade desportiva, sempre no Barreirense, que nunca trocou por qualquer outro clube.

Maximino conta muitas simpatias no Barreiro, sendo, por isso, muito justa a festa de homenagem que se prepara para o dia 15, no Campo do Rossio, no Barreiro.

Manifestando-lhe a sua amizade, elementos dos mais populares do futebol português colaborarão no festival. Assim, a categoria de honra do Vitoria de Setúbal, campeão distrital, defrontará um misto de jogadores de Lisboa, composto da defesa do Sporting, linha média do Benfica e avançados do Belenenses. E o F. C. Barreirense encontrará-se lá com o Atlético Clube de Portugal.

Como merece, devido à sua conduta de bom desportista, Maximino vai ter uma despedida condigna, com um programa sem dúvida atraente.

e baixos, juntando a distinção ao mediocre numa actuação.

Em síntese: não julgemos mal o Atlético Aviação — que o mesmo em Espanha se define da seguinte forma: *«team» extraordinário quando em tarde de acerto, mas o pior de todos quando o vento não sopra de feição.*

O Sporting exerceu domínio. O que se pode dizer *domínio total*. Vantagem técnica e territorial. Em toda a linha e nos diferentes sectores e capítulos do jogo. Sentindo a inferioridade espanhola — os portugueses actuaram com autoridade. Verdaderamente *mandando*. Note-se: o Sporting é capaz de fazer bem melhor. Tem-no feito, de outras vezes. Justificava-se que a sua ligação fosse mais vistosa e perfeita, isto é, que não se perdessem tantas passagens — no espaço. Se os *leões* tivessem baixado o jogo teriam certamente produzido melhor. Mas não o fizeram. Quem duvidará que a vantagem sportinguista resultou, no fundo, do seu *sistema de marcação*, já no Estádio Metropolitano utilizado com proveito? Julgamos que ninguém. A vigilância aos dianteiros madrilenos foi realizada, em todos os momentos, com mestria. E o grupo funcionou articuladamente, quasi não se dando pela marcação, visto se passar da defesa ao ataque, e

do ataque à defesa, com relativa facilidade.

Há dois nomes sportinguistas que merecem ser colocados num plano que domine a visão de conjunto: Manuel Marques e Peyroteo. O popular *Manêcas*, sobretudo, realizou uma grande partida, plena de energia, vivacidade e alegria. A sua agilidade permitiu-lhe suprir a falta de altura, o seu apêgo à luta o pouco físico. Todas as suas intervenções foram firmes e certas. Peyroteo impôs-se sempre no terreno: uma ameaça e um perigo a todo o momento — e um *goal* de bandeira!

Todos os jogadores cumpriram o seu dever. Barrosa revelou a sua magnífica juventude e o seu poder atlético. Veríssimo esteve francamente bem, tendo algumas passagens largas da melhor visão. Albano foi o que pode dizer-se um *gavroche* do jogo. Jesus Correia não deixou de ser oportuno. Azevedo, Cardoso, Nogueira e A. Marques conseguiram nota aceitável. Só Canário, enfraquecido, excessivamente inferior.

Os espanhóis jogaram duro. Menos do que jogam em Espanha, mas apesar disso o seu jogo atlético provocou espanto — chegando a ser considerado violento. Quando lhes dissemos isto, já naabalada, ficaram muito surpreendidos, afirmando-nos: *Normalmente empregamo-nos com maior vigor*. E aqui temos a imagem daquilo que temos vindo a apregoar há muito tempo, e a razão porque nos parece necessária nova orientação na arbitragem portuguesa.

A acção do juiz sr. Domingos Godinho, de Lisboa, foi excelente, pois as suas maiores falhas derivaram de erros de um juiz de linha, o sr. Santos Marques. Enfim, o Sporting retribuiu os 3-1 de Madrid, honrando o futebol português.

T. da S.

Está assegurada a participação portuguesa na «Volta a Espanha» em bicicleta

ESTÁ decidido. Os portugueses participarão este ano na «Volta a Espanha», em bicicleta, que revive, por intermédio de «Ya», grande jornal de Madrid, depois de morta duas épocas seguidas. «Informacion», o jornal que se dava à iniciativa, pô-la de lado. Outro diário lhe pegou — e vai começar a grande pedalada.

A «Volta a Espanha» tem desta vez o mais alto interesse para nós, dada a comparticipação de uma equipa de corredores nacionais. Quem serão esses ciclistas? E cedo ainda para dar a conhecer os seus nomes. De resto, a indicação virá do poder mais alto do ciclismo.

Precisamente, aproveitando a sua viagem a Lisboa para assistir ao Sporting-Aviação, Eduardo Teus, o chefe da rubrica desportiva de «Ya», aqui sustentou várias conversas e negociações sobre a comparticipação portuguesa na «Volta a Espanha». Os futebolistas seguiram de avião. O jornalista, no «Lusitania Expresso», na sexta à tarde. Em plena gare do Rossio, mesmo no momento daabalada, trocámos algumas impressões com Eduardo Teus.

— Encontrei em todos a melhor boa vontade, no que respeita à participação portuguesa na «Volta a Espanha».

— Falou com...

— O sr. dr. Salazar Carreira, amável, interessou-se pelo caso, que tem já a autorização das entidades oficiais. Um ou outro pequeno reparo não influi nessa participação, muito valiosa. O sr. Manuel Mota, pela Federação Portuguesa de Ciclismo, também nos deu as maiores facilidades, uma compreensão absoluta da importância da iniciativa.

— Só espanhóis e portugueses?

— Mantemos negociações para trazer a Espanha três equipas: francesa, italiana e suíça. Ao todo: cincoenta ciclistas.

— Quantos portugueses correm?

— Ou seis, ou dez. Se aquelas equipas se deslocarem, desejariamos um conjunto de seis portugueses. Na hipotese contrária, um conjunto de dez ciclistas.

— O ciclismo português é apreciado em Espanha?

— Os portugueses têm nome feito. São corredores esforçados e muito rápidos. Por isso, apesar das tiradas serem longas e os portugueses correrem acostumados a *distâncias* mais curtas, estamos convencidos de que farão figura.

— O ciclismo espanhol progride...

— Muito. Aparecem valores novos. Estarão todos na prova. Para a classificação não contam senão os componentes das equipas. Os outros espanhóis correrão com a designação de *independentes*, ou outra qualquer.

— Quando começa a Volta?

— Disputa-se de 10 a 31 de Maio, com 19 tiradas e três ou quatro dias de descanso.

— Características?

— Duas partes distintas: uma, plana; outra, em plena montanha. De Madrid, por Salamanca, Sevilha, Barcelona, até S. Sebastian. E aí o percurso da serra, e atravessando toda uma zona difícil, até à Galiza, para, num salto — a Madrid.

— A «Volta a Espanha» é muito dispendiosa?

— O jornal «Ya» tem o orçamento feito, calculando os gastos em 350.000 pesetas.

— Há receitas!

— Muito escassas. As chegadas em recinto fechado não devem ultrapassar o total de 50.000 pesetas. Por outro lado, a publicidade não pode ser aproveitada nem tão pouco o aumento de tiragem, dada a lei em que vive a Imprensa.

— Quem indica a equipa de portugueses?...

— A Federação Portuguesa de Ciclismo. Vários corredores portugueses, individualmente, ofereceram-se-nos. Não aceitámos, porém. Há uma particularidade interessante: a «Volta a Espanha» realiza-se numa altura em que não prejudica absolutamente nada o movimento do ciclismo português.

Um abraço — e despedimo-nos. O comboio dera o sinal de partida. Eduardo Teus levava para o seu jornal a certeza da comparticipação dos ciclistas portugueses.

Campeonato de Júniores da Associação de Lisboa

A quinta jornada...

Os «júniores» dos clubes lisboetas foram chamados, a meio da última semana, a disputar os encontros correspondentes à quinta «ronda» da interessante competição. Como sempre, orquestrados, embora comecem já a definir-se possibilidades, continuam a demonstrar entusiasmo pelo torneio, efectuaram-se onze encontros. Houve três empates e, implicitamente, sete encontros que tiveram vencedor e vencido, não deixando de ser curioso referir que, dos sete vencedores, só um consentiu que as suas rédeas fossem tocadas.

Pelo que respecta à 1.^a Série pode continuar a pensar-se que é neste agrupamento que existe maior equilíbrio de valores. Nem um só dos oito concorrentes conseguiu totalizar o máximo possível de pontos. O Atlético está à frente da classificação e foi o vencedor mais folgado da série, batendo o Cascais por 4-0. Os empates CUF-Estoril e Paredo-Oeiras abonam mais o comportamento dos clubes indicados em segundo lugar.

Na 2.^a série não houve mais do que favoritismos confirmados. E por pouco não se registaram quatro resultados iguais. O Benfica A foi o único visitado que venceu e o D. C. Arroios o único que não chegou aos 5-0. Tudo indica que a luta val decidirá-se entre «encarnados» e «leões».

Na 3.^a série, não surpreende que o Benfica (B) tenha derrotado o Operário. De notar, sim, que o Belenense (A) não tenha ido além de um empate com o Sacavenense. O G. D. da C. P. está a dar excelente conta de si.

... e a sexta «ronda»

A prova prosseguiu no último domingo com a efectivação dos encontros da sexta jornada — penúltima da primeira volta. Desta vez houve um resultado surpresa que, todavia, tem explicação. Referimo-nos à derrota dos «júniores» da C. U. F. — e a justificação está na substituição à última hora do guarda-redes cufista. O Atlético deslocou-se para o Estoril, onde venceu o grupo local, que era «sub-líder» da classificação. Resultado: os alcantarenses distanciaram-se à frente da tabela e a luta para os outros lugares ganhou maior interesse. Isto pelo que diz respeito à 1.^a série.

Na 2.^a série, tal como aconteceu na jornada anterior,

O GRANDE CAMPEONATO

(Continuação da página 2)

o aperfeiçoamento do jogo, ao menos que se tratem convenientemente aqueles terrenos que existem. Ora, a qualidade do campo influi na Vitória-Belenenses, que a interdição dos Arcos atirou para o Barreiro. O desafio teve, por via disso e porque os grupos não estiveram em tarde feliz, um cunho acentuado de monotonia. Apesar do desfecho se manter duvidoso até perto do fim...

O Belenense jogou na sua fórmula habitual, com defesas e médios marcando o adversário, cada unidade a cada homem, e em passagens curtas de triangulação entre os componentes da linha dianteira, dextros no domínio da bola. Mas este jogo, para ser útil, precisa do complemento natural do remate na hora da verdade. E aqui surge mais uma vez o erro fundamental do processo belenense. Que, na hipótese do Barreiro, assim se traduz: o Belenense dominou inteiramente, mas não soube nem provocar perigo nem rematar em condições de êxito. Para rematar é preciso que os avançados não se

encolham, antes, no momento grande, se dêem à luta com sacrifício físico. Ora com o Belenense passa-se isto: os interiores, pôsto que esforçados, não são robustos, e o avançado-centro loge à luta do corpo, em momentos em que o corpo desempenha o principal papel. Por outro lado, para bater uma defesa como a do Vitória (Setúbal), o ponto mais sólido do team, forte e resistente, é preciso o sacrifício físico. E aqui está a razão porque, tendo dominado, o Belenense só conseguiu o triânio no cair do desafio.

O resultado da primeira parte (1-1) foi justo. O Vitória, na sua toada característica de energia, suportou o embate do adversário com certa serenidade, não deixando escapar as oportunidades sem cair a fundo. Mesmo tal característica manteve-se no decorrer de toda a partida. O segundo goal do Vitória (Setúbal) foi realizado contra a corrente do jogo. E o Belenense viu-se e desajustou-se para arrancar o triânio, num lance inteligente e pleno de valentia do seu interior Quaresma. (Uma nota a destacar: o comportamento brilhante de Sérgio, o médio direito, que aparece como o melhor homem em campo.

As vitórias do Estoril e Oihanense

O Estoril venceu merecidamente — mas não há dúvida que o Vitória (Gaimarães) se bateu com extraordinário vigor do princípio ao fim, e mesmo no último período, aquêle em que se viu reduzido a dez unidades.

O team de Gaimarães procurou dar ao jogo uma feição de ataque. Para isso, logo de começo, entrou deliberadamente no caminho da ofensiva, obrigando o seu adversário a trabalhar afincadamente na defesa. Claro que não pôde prosseguir na orientação — mas o seu esforço fica. Porque o Estoril, para não se deixar surpreender, lançou-se por sua vez ao ataque, obrigando o grupo de fora a pensar e cuidar na sua defesa. Daí por diante, o encontro comportou essas características. O certo, porém, é que o Vitória (Gaimarães) continuou a lutar vigorosamente, acercando-se de quando em vez das rédeas contrárias. Sabmetido a tão duros transes, não admira que o grupo de Gaimarães decaísse um pouco na segunda parte, principalmente no momento em que o triânio estorilense se desenhava abertamente. Todos os teams lutam com entusiasmo até à altura em que vêem a possibilidade de vitória; quando essa luz se apaga, os efeitos não podem deixar de ser perniciosos.

O Oihanense entrou para o campo do Salgueiros como se a sua tarefa fôsse da máxima responsabilidade, isto é, resolvido a não se deixar trair nas suas forças e possibilidades. Tendo descansado uma semana no norte, um jogo-treino de permoio não conta, e recebido com extremos de gentileza em Viana, o grupo produziu uma boa exibição, tanto mais de assinalar quanto é certo que, pelo menos, o primeiro tempo foi de luta, viva e rija, com aspectos de equilíbrio. O Oihanense jogou ao ataque, num bom trabalho dos seus interiores — lançando Cabrita. Em geral sucede que a team ao ataque corresponde team à defesa. Mas não sucedeu assim. O Salgueiros, não abandonando a idéia da defesa, mas na ância de arrancar um resultado, ao menos em sua casa, lançou-se igualmente ao ataque, com todas as suas forças e a fibra de que dispõe, resultando daqui uma luta igual e dinâmica, com acentuada característica de que para a frente é que é o caminho.

Esgotadas um pouco as forças, a segunda parte foi disputada com menos velocidade. O Salgueiros continuou a pôr todas as suas esperanças na luta. Um goal, com o empate, talvez lhe abrisse o caminho. Mas a defesa algarvia não cedeu. Pelo contrário, o Oihanense aumentou o seu activo. Longe de esmorecer, o Salgueiros continuou ao ataque, dominando territorialmente. O resultado já estava escrito, porém.

nem um só dos vencidos logrou o chamado ponto de honra. Para o Benfica A foi mais uma vez o melhor resultado da jornada: 10-0. A luta Arroios-Cascais deve ter sido a mais equilibrada do agrupamento. O comportamento dos «leões» em frente do Casa Pia não foi tão bom como havia sido o dos «encarnados»: 2-0 contra 5-0. Aqui está uma indicação para o Benfica-Sporting do próximo domingo...

3.^a série — «cheróis» foi o Fosforos, que marcou oito «goals» ao Operário e não consentiu um só.

A vitória do G. D. da C. P. sobre o Benfica (B), embora pela tangente, é também digna de realce. De igual para igual, a luta Chelras-Sacavenense.

D. D.

Desportos de bola

HANDBALL — Repete-se a massada

RESULTOU inútil a tentativa da Associação regional para conseguir a tão necessária mudança no infeliz regulamento do campeonato e que há uma semana apresentámos aos nossos leitores. Alguns clubes não se conformaram — e talvez seja razoável a sua atitude sob o ponto de vista da defesa de interesses directos e de qualquer forma legítimos.

Assim, terminada no domingo a primeira volta com o jogo Unidos — «Os Treze», que a chuva não deixara disputar em tempo devido, vamos recomençar o indigesto programa que durará, na melhor das hipóteses, até 18 de Março. Só depois dessa data o público terá competições animadas e empolgantes de «handball».

A classificação actual, que não deve sofrer modificações, selecciona para a fase final os seguintes grupos: na série A, a «Cuf», com a marcação de 42-5 em quatro jogos e 15 pontos, e o Belenense, com 35-8 e 13 pontos; na série B, o Sporting, com 72-10 e 15 pontos, e o Estoril, com 38-13 e 13 pontos. Os clubes imediatamente mais classificados são, na primeira série, «Os Treze», com 11 pontos, e na outra o Internacional e o Marvilense, ambos com 9 pontos.

Nas segundas categorias levam vantagem, por um lado, a «Cuf», com 8 pontos, e Belenense e Benfica, com 5; pelo outro, Sporting e Estoril com 8 pontos.

A par do campeonato prossegue a preparação do grupo representativo que vai jogar a Madrid em 25 de Fevereiro e que o seleccionador Acácio Rosa cuida escrupulosamente; a sua constituição não deve sofrer alterações e o problema de escolha resume-se à indicação dos reservas que hão-de fazer a viagem.

Do trabalho dos espanhóis nada se sabe; reina silêncio absoluto ou chegam notícias confusas e mal explicadas. Lêmos, assim, num jornal madrilenho, que em 18 de Fevereiro se

defrontariam as seleções de Madrid e da Guipuzcoa; mas do Lisboa-Madrid, nada...

Lêmos também que fôra remodelada a direcção da Federação Castellana; porquê? E que fôra marcado para 25 de Fevereiro o início do campeonato regional!...

No entanto, entre os organismos dirigentes superiores e da modalidade, o encontro está de facto assente para a data determinada. Estranho; e estranho e algo incompreensível.

VOLLEYBALL — Começam as finais universitárias

Concluíram na semana passada os jogos das séries eliminatórias do campeonato universitário, os quais classificaram para a final o Instituto Superior Técnico e o Instituto Nacional de Educação Física, a Faculdade de Direito e o Instituto Superior de Agronomia.

Os dois primeiros venceram cada um na sua série com folgada vantagem; e o mesmo não sucedeu, porém, aos outros, que encontraram adversários difíceis no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e na Faculdade de Ciências.

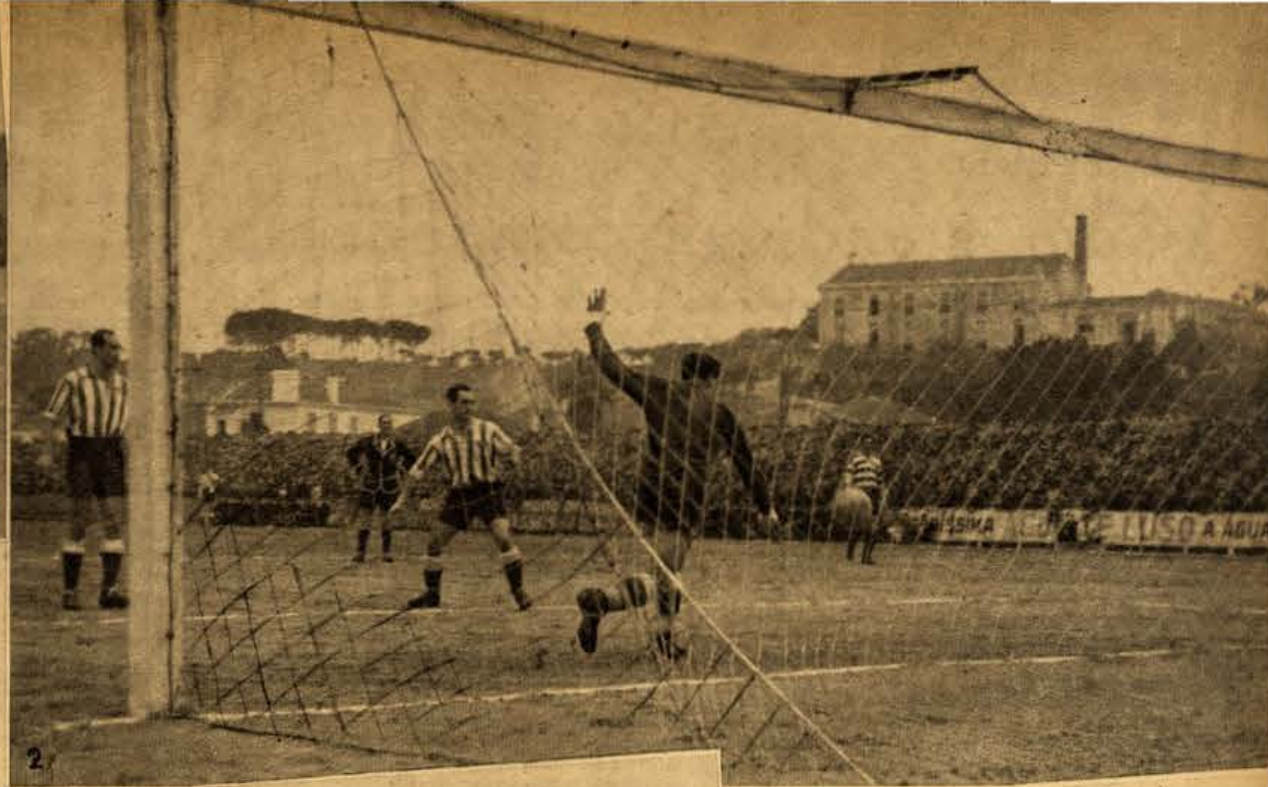
As outras escolas concorrentes mostraram-se muito mais fracas, falhas por completo de preparação; sob este aspecto, o campeonato deste ano deixa muito a desejar e apenas até agora provaram conjunto convincente as duas equipas representativas dos estabelecimentos de ensino onde existem campos de jogos privados, um dos quais até tem a preparação física com directa finalidade dos seus trabalhos escolares.

Os jogos da série final prosseguem hoje, às 21 horas, no ginásio do Técnico, e terminam na sexta-feira com os encontros decisivos.

JOSÉ DE EÇA

FLECHA é a melhor bicicleta

O memorável encontro do Sumiar
no qual o **SPORTING**
venceu o **ATLETICO Aviación**
perante enorme assistencia



AO REDOR
DO JÔGO

1—Zamora, ao sair do aeroporto, é aclamado pela multidão; 2—Os convivas ao jantar oferecido pela D. G. Desportos aos dirigentes espanhóis; 3—No jantar oferecido pelo Sporting; 4—Antes de começar o desafio, os presidentes dos dois clubes abraçam-se; 5—A colônia espanhola não faltou com o calor da sua presença...



1—Uma defesa de Berra, vigiado por Aparicio, um grande deses. Machin não deixa de vigiar o lance. 2—Ederra, batido... 3—Na impossibilidade de matar de cabeça, um dos avançados fá-locum a mão. Os outros assistem ao lance—mas o árbitro não deixa escapar a falta. 4—O médio Nogueira inutiliza um avanço espanhol. 5—Não se trata de um ballado rítmico, mas duma jada em que intervêm Juncos, Marques e Barrosa. 6—Onde se revela o magnífico estilo de Campos. Azevedo vai defender com segurança. 7—Pyroteco, em permanente perigo, em frente de Ederra, no momento em que vai rematar e fazer goal, depois de ter colhido uma passagem bem dada. Repare-se que Aparicio já não pode intervir.



Comentando um campeonato

A proeza do Belenenses — Rui Ferreira um nome a fixar
Campos e árbitros — A lista dos campeões

HÁ acontecimentos que merecem realce particular. É o que se verifica neste momento: quando o campeonato de Lisboa de «basketball» atingiu o termo, tivemos, na divisão principal e pela primeira vez, a triplice vitória do Belenenses. Este facto, que poderá parecer banal à primeira vista — em outras modalidades têm-se dado mesmo casos semelhantes — tem no «basket» importância transcendente.

Pelas suas características, o «basket» é um desporto no qual as desigualdades de valor, digamos assim, menos se acentuam. São mesmo correntes as vitórias de «teams» de divisões inferiores sobre agrupamentos mais categorizados, pois rapidez, energia e um tanto de sorte são facetas que, aplicadas ou aproveitadas a tempo, podem modificar todos os vaticínios possíveis sobre uma partida.

Assim, vitória tão retumbante como a que se verificou agora por parte dos «azuis» significa claramente superioridade notável, a todos os títulos. Indica dedicação ilimitada por parte de jogadores e treinadores; prova abundância de elementos de mérito, o que facilita a constituição das equipas; e demonstra que se faz trabalho em profundidade, criando sempre jogadores novos — como já tivemos o prazer de assinalar nestas colunas.

As épocas anteriores, já com triunfos nas categorias inferiores, prepararam as equipas «azuis» para a bela vitória da presente temporada — que pode considerar-se como o ponto culminante da carreira belenense através do «basket» lisboeta. Oxalá a vejamos repetir-se — até para estímulo de exemplo dos outros concorrentes...

Nos momentos de alegria que a vitória proporciona ficam às vezes esquecidos aqueles que, pouco aparecendo em campo, são afinal os obreiros mais valiosos daqueles triunfos. No momento em que os «azuis» se acabaram de festejar os seus esforçados campeões, desejamos pôr em relevo o nome de Acácio Rosa — dirigente dedicado, artífice da obra do Belenenses no «basket» — endereçando-lhe sinceras felicitações.

De maneira geral, os nomes que figuraram na época de 1943-44 repetiram-se neste campeonato. Alguns desapareceram — outros mantiveram-se por algum tempo. Exemplo: Gil, que apesar dos seus muitos anos de actividade teve ainda actuação preponderante no «Cuf», dando até lugar, quando se afastou, a baixa apreciável no rendimento do seu grupo. Há também os que ficaram temporariamente arreados das competições por motivos de ordem disciplinar, como o excelente Fernando Amaral. E poucos novos apareceram que se houvessem notabilizado...

Este último facto significará que se estagnou na produção de jogadores, aproveitando-se todos os elementos já cansados em sucessivas pejeas, ou falta de habilidade por parte da nova geração? É cedo ainda para pôr uma resposta. Mas desde já uma consideração se impõe: deve ser prestada a maior atenção ao problema dos novos, para não se chegar a épocas futuras a carpir o facto, já consumado então, do nível do «basket» reflectir abaixamento assustador, precisamente devido a uma carência que começa já a acentuar-se.

No entanto, de entre os poucos que apareceram, um novo há a salientar, pelo papel importante que desempenhou a espaços: Rui Ferreira, centro do Carnide. Chamado a preencher a vaga aberta por um dos mais científicos jogadores, Rui Ferreira desempenhou-se muito bem de tão ingrata missão, mostrando, além de espírito intuitivo pouco vulgar, boa soma de conhecimentos técnicos.

A Associação de Basketball imprimiu mais

uma vez regularidade de elogiar na organização do campeonato. Há no entanto um pormenor que deve merecer a sua atenção: o julgamento rápido dos recursos. Alguns encontros esperam ainda a decisão final dos protestos apresentados em devido tempo; um deles, Rio Seco-Operário, refere-se a um jogo da primeira volta! Protelar estes assuntos só acarreta prejuízos, sob todos os aspectos, tanto mais que alguns jogos têm, pela força das circunstâncias e relativamente à decisão a tomar, a maior importância para os interessados. Estão neste caso os que o Sporting e o Operário protestaram contra o Lisgás e o Rio Seco, o primeiro porque corre o risco de baixar de divisão e o segundo porque o Operário está apenas afastado um ponto do Rio Seco, tendo portanto possibilidades de o substituir na classificação e assegurar a subida à divisão de honra.

O problema dos campos tem sido muito debatido mas continua praticamente sem solução. Pode afirmar-se que não temos um campo em condições, facto que mais se agrava se considerarmos a possibilidade de se estender ao «basket» o inter-câmbio desportivo internacional do futuro. Para esta hipótese, não existe um só recinto que reúna as mais elementares condições, muito menos, assim, as que permitam receber condignamente uma equipa estrangeira. Ainda há pouco se verificou, quando estiveram em Lisboa os «handbolistas» madrilenos, e estes assistiram ao Bele-

nenses-Lisgás, os visitantes serem instalados num corredor impróprio, embora se lhe dê pomposamente o nome de «camarotes».

Também não existe nenhum campo com acomodações aceitáveis para o público. Dir-se-á que as enchentes são raras no «basketball». Mas existem... e isso basta. Nesta época verificaram-se com frequência e há fundadas esperanças de que aumentem.

Outro problema da maior importância: pensar-se a sério na formação e educação dos árbitros, que têm dado bem má conta de si. A imparcialidade, o justo critério nos julgamentos, a boa interpretação das regras e o auto-domínio dos nervos, são qualidades que se verificam somente num ou outro juiz — e irregularmente. Como consequência, nota-se o agravamento das faltas, atitudes menos respeitadas, discussões estereotipadas e castigos que poderiam evitar-se facilmente. Isto pelo que toca aos jogadores, visto que da parte do público... Não falemos em tal!...

Arquivemos os nomes dos grupos campeões:

Divisão de Honra — Em todas as categorias: Clube de Futebol «Os Belenenses».

1.^a Divisão — 1.^a Categoria: Rio Seco S. C. (emquanto não for julgado o recurso do Operário). 2.^a Categoria: Operário. 3.^a Categoria: Moscavide.

2.^a Divisão — Em todas as categorias: Campolide A. C.

Regista-se assim, a par da vitória absoluta do Belenenses em todas as categorias da Divisão de Honra, o mesmo excelente resultado, por parte do Campolide, na 2.^a Divisão.

Está ainda em curso o apuramento dos campeões da 3.^a Divisão.

JOÃO ASSUNÇÃO

Assine a STADIUM

DA VIDA DESPORTIVA

DUAS NOTAS POR SEMANA

NO ESTRANGEIRO

ESTA seguindo agora curso normal o campeonato de futebol da América do Sul, no qual participam as equipas representativas de todas as nações grandes e pequenas do continente onde se perpetuou, em novas e prósperas nacionalidades, o espírito dos velhos povos peninsulares.

A competição desenrola-se com enorme interesse em todos os países concorrentes e alguns resultados têm causado surpresa, revelando a classe de novos núcleos e pondo em flagrante a importância crescente do desporto nas preferências de todos os públicos no mundo e os serviços que as suas competições podem prestar, de baixo do ponto de vista da propaganda nacional e da divulgação indispensável das práticas e normas da educação física.

Não é apenas o futebol, são todas as modalidades desportivas que atingiram enorme incremento, classe notável, nos países sul-americanos de língua espanhola e portuguesa, nossos irmãos de além-Atlântico, com quem mantemos, fortes e íntimos, os vínculos de família tradicionais.

Isto fez-nos pensar, agora que existem entre os organismos dirigentes máximos do desporto peninsular as mais cordiais e compreensivas relações de amizade e comunidade de projectos, agora que o magestoso Estádio Nacional espera acolher as maiores multidões e que em Espanha se levantam novas e imponentes instalações desportivas, na ideia de reunir na Península Ibérica, no futuro que todos ambicionamos próximo da hora de paz no mundo, todas as nações sul-americanas nuns Jogos Desportivos de insuspeitável projecção, cujas competições seriam distribuídas pelos dois países e serviriam para afirmar a vitalidade, a estreita união e a expansão de uma raça que abraçou o Universo.

EM PORTUGAL

A nota da semana não pode deixar de ler por assunto a visita do Atlético Aviação e o significado que tomou no quadro do desporto português.

Quem, como nós, assistiu aos dois encontros entre os clubes lisboeta e madrileno, em Outubro passado no Estádio Metropolitano, e há uma semana no Estádio do Lumiar, encontra-lhes uma similitude flagrante e que será talvez interessante analisar, para chegar a conclusões importantes.

Em ambos os jogos a equipa visitante estranhou as condições do terreno: a erva molhada e escorregadia em Madrid, o solo duro em Lisboa. Assim se registou domínio inicial dos donos da casa, traduzido por um ponto no marcador e que tendeu para o equilíbrio no final dos três quartos de hora, mas diferença de situação depois do intervalo, de ambas as vezes com superioridade dos portugueses, que pareceram mais rápidos e fisicamente melhor preparados.

Com uma diferença, porém: em Madrid, os «leões» absorveram a equipa adversária, mas marcaram apenas um ponto e sofreram dois em duas escapadas fulminantes; em Lisboa, a ocupação territorial foi menos flagrante, mas traduziu-se por dois pontos, aos quais os «colchoneros» responderam apenas com um. A identidade é manifesta: antes do descanso, 1-0 para os visitados; depois do descanso, 2-1 a favor dos mesmos.

Se considerarmos que o Alletic, classificado actualmente em quarto lugar na pontuação do campeonato de Espanha, é lido no seu país como um dos grupos que pratica futebol de melhor qualidade, e que da equipa presente no Lumiar saíram provavelmente quatro elementos para o «onze» nacional, devemos sentir-nos satisfeitos com as deduções naturais do comportamento do Sporting.

CONCLUÍRAM em meados de Janeiro corrente os exames finais do Curso de Treinadores de Atletismo, a felicíssima iniciativa da Direcção Geral de Desportos, que consagrou o trabalho e a competência do nosso camarada dr. Salazar Carreira e do professor Fernando Ferreira.

Assunto já justamente apreciado pela imprensa, pareceu no entanto interessante à *Stadium* apresentar as impressões de dois alunos melhor classificados: um deles, Luis Coelho de Aguiar, desportista com longa folha de serviços, antigo campeão nacional; o outro, Fernando Cardote Mesquita, sem «cartel» de praticante mas que se mostrou entusiasta da modalidade.

Luis Aguiar disse-nos:

«O problema básico do atletismo português — preparação de treinadores com aquele mínimo de conhecimentos indispensável ao bom desempenho da sua missão — pode afirmar-se que foi agora resolvido pela Direcção Geral de Desportos com a criação do Curso de Treinadores de Atletismo.

«Devo confessar que dos 31 inscritos de início esperava que apenas uns 10 chegassem ao fim, não porque menosprezasse as suas qualidades de trabalho e inteligência, mas porque as organizações deste género costumam falhar pela pouca persistência de que somos dotados para trabalhos de fôlego.

«Foi, portanto, excedida a minha expectativa, pois atingiram a meta 17 concorrentes, sem mostras de fadiga e em excelente andamento!

«A meu vêr, este êxito deve-se à orientação dada ao Curso. O dr. Salazar Carreira e o professor Fernando Ferreira conseguiram manter um interesse sempre crescente pelas suas lições, e a prova desta afirmação está no desejo manifestado por todos de que não se perdesse o contacto entre alunos e professores, e se fizessem mensalmente reuniões para troca de impressões.

«Nas aulas teóricas foram dadas, além das

O CURSO DE TREINADORES DE ATLETISMO

apreciado por dois dos alunos mais classificados

lições sobre a técnica das diferentes especialidades, noções de anatomia, fisiologia desportiva (tão interessante e útil para quem não limite os seus horizontes à criação de «recordmen», antes os alargue à finalidade do verdadeiro ideal desportivo), higiene, biometria, tratamento de acidentes, massagem, — tudo exposto com aquela clareza que o dr. Salazar Carreira costuma usar nas suas lições.

«Nas aulas práticas, Fernando Ferreira revelou-se um professor com qualidades de ensino difíceis de igualar, pois reúne à sua indiscutível competência na matéria a grande qualidade de demonstrar correctamente como se executam os mais difíceis gestos das diferentes modalidades.

«Enfim, estou plenamente satisfeito e não dou por perdido o trabalho intenso a que me sujeitei durante cinco meses. Para mim, que já tinha conhecimentos sobre as diferentes matérias do Curso, este teve uma grande virtude: ordenar os meus conhecimentos, rectificar ideias, preencher lacunas: em resumo, «pôr a casa em ordem».

«Para os que quasi tudo desconheciam, deu-lhes magníficas bases para firmarem o seu trabalho futuro.

«Finalizando: está o desporto português de parabéns, pois um grupo de gente nova, alheia às politiquices de café, vem trabalhar pelo atletismo.

«Assim lhe seja dada oportunidade de aplicar o seu labor.»

Foram as seguintes as declarações de Fernando Cardote:

«Quando me inscrevi no Curso não esperava que ele viesse a ser tão trabalhoso e

completo como foi: tão trabalhoso porque exigiu uma frequência, nem sempre «platónica», de sete horas semanais, durante cerca de sete meses; tão completo porque englobou matérias técnicas e práticas bastante variadas.

«Em pormenor, acrescentarei que se justificou e foi útil a largueza com que foram tratadas na parte teórica as matérias de anatomia, fisiologia e higiene; e a análise da técnica atlética poderia com vantagem ser ainda mais extensa — questão de alargamento na duração do curso — e o critério seguido no último período pelo mestre, promovendo a exposição de questões teóricas da técnica atlética por um aluno, e crítica pelos restantes, provou ser excelente meio pedagógico. Quero ainda pôr em destaque a atitude definida de combate ao empirismo técnico: houve sempre da parte dos nossos mestres a preocupação certa de dar os «porquês» dos «comos».

«Para futuros cursos parece-me que seria conveniente incluir no programa a análise crítica de fotografias (à semelhança do que se tem feito em *Stadium*), passagem de filmes, observações comentadas de atletas executando à vista dos alunos e elementos de história e estatística do atletismo nacional e mundial.

«Os exercícios de iniciação atlética, executados no ginásio e no campo, foram de utilidade prática incontestável, mas haveria vantagem em aumentar o número de sessões, bem como escolher outra época para a realização do curso.

«O sistema de exames de teoria, com a elaboração de tabelas de treino, pontos escritos e prova oral, provou bem; o ambiente entre alunos, e entre estes e os mestres, foi o melhor possível, numa base de grande camaradagem.

«Em suma: o curso satisfaz plenamente nas suas linhas gerais. Numa primeira tentativa há sempre, inevitavelmente, hesitações e coisas a limar. Mas tudo quanto se ensinou no curso esteve certo e foi aplicado com seriedade.

«Para sintetizar numa frase o que foi este curso de treinadores, que em boa hora a Direcção Geral de Desportos promoveu, direi que ele foi sério na finalidade, honesto na execução e satisfatório nos resultados.»

HIPISMO

APONTAMENTOS FINAIS

O último boletim da Sociedade Hípica Portuguesa, agora distribuído, dá-nos os resultados oficiais da época finda, desde o Concurso de Vila Franca até às corridas de Outono. Por ele é fácil recolher alguns dados curiosos, aos quais não queremos deixar de fazer referência, não só pelo interesse que revelam como também porque, constituindo o balanço final, nos esclarecem quanto à classificação em que se encontram os cavalos de maior nomeada e quasi todos os que constituíram o grupo de montadas da equipa nacional.

Verifica-se a seguinte posição:

Cavalos	Palmares 1942/43/44	1944	os Prémios em 1944	Cavaleiros
1.º Raso.....	20.588800	5.º	3	Correia Barrento
2.º Sado.....	15.924800	4.º	3	Reimão Nogueira
3.º Desejado ..	15.453800	1.º	3	F. Pais e H. Calado
4.º Paiol.....	15.167800	2.º	6	H. Calado e C. Barrento
5.º Inquiridora.	9.833800	5.º	2	Carlos Granate
6.º Fossette...	9.386800	—	1	José Carvalhosa
7.º Adail.....	9.006800	—	1	C. Barreiro
8.º Optus.....	7.383800	—	1	Helder Martins
9.º Unico.....	6.950800	9.º	3	H. Calado
10.º Magul.....	6.894800	—	1	Barrento e F. Cavaleiro
11.º Jocosso....	6.700800	8.º	3	Barros e Cunha
12.º Xereze.....	5.908800	6.º	3	C. Costa e H. Martins
13.º Barrufo....	5.848800	7.º	1	Joaquim Leite
14.º Tarass.....	5.100800	—	1	Cruz Azevedo
15.º Namir.....	5.094800	—	1	Pascal Rodrigues

Por este quadro, o leitor verá com facilidade as importâncias ganhas pelos 15 cavalos mais premiados no último triénio e, isoladamente, a posição que cada um deles alcançou na época finda.

Também se poderá anotar o número de primeiros prémios obtidos na última época, assim como os cavaleiros que montaram esses animais.

Nêle veremos que o «Raso», magnífico cavalo argentino, dos mais famosos e conhe-

cidos, está à frente da classificação dos três últimos anos, se bem que em 1944 tivesse sido batido pelo «Desejado» e pelo «Paiol». Alcançou cinco primeiros prémios e as importâncias ganhas dão-lhe margem grande sobre o 2.º classificado — o «Sado».

Este, um belo anglo-árabe, foi o 4.º premiado do ano findo e tem melhorado a sua posição de ano para ano.

Quando ao «Desejado», que surge em 1.º plano em 1944, mercê do Grande Prémio de Madrid, conquistado em Espanha, e ao «Paiol» (4.º do triénio e 2.º do ano findo), diremos que que se confirmaram as esperanças nêles depositadas.

O «Paiol» foi o animal que obteve maior número de primeiros prémios e fez a sua época mais brilhante. Quanto à «Inquiridora», mantém o 5.º posto nos dois «palmars», tendo sido a montada nacional melhor classificada. Como nota curiosa, dir-se-á que as duas primeiras classificações que conquistou foram dois «Grandes Prémios» — o do Porto e o de Cascais.

Acentuados progressos assinalaram os cavalos «Unico», «Jocosso», «Xereze», «Barrufo», «Tarass» e o velho «Namir», enquanto que o «Optus» manteve a verba do último ano.

Os restantes cavalos figuram no mapa devido aos êxitos das anteriores épocas («Adail» e «Magul»). Quanto à «Fossettes», só disputou o Concurso de Madrid.

Outra nota curiosa extraída dos resultados finais põe em evidência o valor da montada nacional. Dos quinze cavalos do 4.º «handicap», temos cinco argentinos, cinco nacionais, quatro anglo-árabe e um irlandês.

Como apontamento final, concluiremos que dos irlandeses das últimas remontas os mais premiados foram «Zuairi», «Vouga», «Sagres» e «Zezere», os dois primeiros de Henrique Calado e os últimos de Correia Barrento.

STADIUM e os clubes

RECEBEMOS o último número de «Os Belenenses», o boletim do popular clube «azul». Apresenta-se com o interesse associativo de sempre e faz à *Stadium* três referências amabilíssimas: lembra o nosso segundo aniversário, que passou há pouco, fazendo-o com palavras amigas e sinceras, que registamos desvanecidamente; transcreve parte de uma crónica da nossa rubrica de «basketball», a propósito de referências, aliás muito justas, que tivemos ocasião de fazer à sua excelente equipa; e igualmente transcreve, na íntegra, parte da secção «Duas notas por semana», que diz respeito também aos seus «teams» de «basket» e na qual se sublinhava que este desporto tem no Belenenses a melhor orientação: a que se filia na divisa feliz preconizada pelo sr. Director Geral de Desportos num dos seus últimos discursos: «Produzir para progredir».

Agradecemos a «Os Belenenses» as suas cativantes palavras e a honra das transcrições — e prometemos-lhe, como sempre, a nossa desinteressada colaboração na sua bela obra.

— O Ateneu Comercial de Lisboa enviou-nos há pouco um officio redigido em termos raros de amabilidade e reconhecimento, com o pretexto de agradecer à *Stadium* as referências que a sua vasta e benemerente actividade nos tem merecido.

Nada tem agradecer o velho e glorioso Ateneu. A nossa revista está sempre de alma e coração com todos os que cumprem esmeradamente a sua missão na elevada causa da educação física — o que significa que o Ateneu contará também sempre com o nosso modesto concurso.

O O Grupo de Propaganda da Nataçào — esforçado paladino da causa deste belo desporto na capital do Norte — teve a gentileza de nos oferecer um exemplar do seu emblema, aliás de curioso cunho artístico e original.

Os nossos sinceros agradecimentos.

— O Sport Algés e Dafundo comunicou-nos que a sua última assembleia geral aprovou um voto de louvor e agradecimento à *Stadium*. Cabe-nos agradecer-lhe, e registá-lo, com a afirmação de que o estorçado, S. A. D. conta sempre com o nosso desinteressado concurso.

— Entre os votos de agradecimento à imprensa, também na sua última assembleia, o Grupo Desportivo Estoril Praia incluiu igualmente a nossa revista. Da mesma forma expressamos o reconhecimento pela atençào.

Campeonato Nacional de Futebol



NO BARREIRO: 1 — Audaciosa defesa de Idalcio para evitar o remate de Mario Coelho; 2 — Outra entrada do «kasper» setubalense, desta vez mais protegido pelos «baks»; 3 — Curiosa atitude do mesmo guarda-rédes, que parece implorar à bola que se acolha nos seus braços... **NO PORTO:** 4 — A defesa algarvia alivia energeticamente o seu campo; 5 — Barros é desarmado quando se preparava para rematar.



UM RECORDE BATIDO!...
 Não é somente em matéria de desporto que se atem re-ordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfalataria J. L. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz essas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.^o tiver casa sua não é preciso adorar para adquirir um bom fato, sobretudo ou abardine, assim como confeccções de senhora em género «tailleur»! Note hem, nesta casa encontrará V. Ex.^o maior perfeição e não paga luxo.

Aspectos
colhidos
nos jogos
da
11.ª Jornada

ACADÉMICA — BENFICA



Martins defende apertado por António Maria



Lemos vai centrar em bom estilo



ESTORIL — VITÓRIA (G.)

Cerqueira corta com oportunidade uma perigosa avançada académica



Alberto antecipa-se a longo e repele a bola de cabeça



Box entrada de Machado



Foi com este belo golpe de cabeça, de impressionante esforço atlético, que o jovem Miguel marcou o 1.º golo dos vimaranenses.

A MARCA
QUE
VOU USAR
EM CHAPÉU
E BONNÉ

As iniciativas da nossa revista em favor do desporto português

Foi prorrogado o prazo da inscrição no Torneio de «VOLLEYBALL»

A pedido de alguns clubes con-
correntes, que devido à falta
de campos cobertos não li-
verem ainda possibilidade de pre-
parar convenientemente as suas
equipas, o prazo de inscrição para
o nosso torneio de «Volley» só
será encerrado no próximo dia 10,
iniciando-se a competição cinco
dias depois.

Continuamos a receber manifes-
tações de carinho, quer dos clubes,
quer das figuras mais destacadas do
desporto português. E isto prova
que as iniciativas da *Stadium* con-
tinuam a merecer a simpatia geral.

No torneio de «Volley» — o se-
gundo empreendimento da «*Stadium*»,
em 1945, a favor do des-
porto português — disputar-se-á,
como temos dito, a taça «Dr. Salazar
Carreira», sendo entregues aos
componentes das equipas finalistas
artísticas medalhas. A prova será
disputada por eliminação — sistema
«Taça de Portugal», em futebol. São
estas as bases gerais do regulamento,
publicado no n.º 106 da nossa re-
vista.

A inscrição — repellidos — encer-
ra-se definitivamente no próximo
dia 10, e está aberta na respectiva
Associação Regional, a funcionar,
provisoriamente, na sede da Associação
de Basketball, na rua de Sam-
pelo Bruno.

FLECHA a melhor bicicleta

A figura da semana

António Nogueira
Cardoso (Pima)

ENTRE os portugueses que se
dedicam à prática do «bas-
ketball» pode apontar-se, como
elemento de excepcional classe,
António Nogueira Cardoso (to-
dos o conhecem por «Pima»), jo-
gador dedicado do S. C. Vasco
da Gama e desportista no verda-
deiro significado da palavra.

Figura popularíssima e prati-
cante que desfruta das simpatias
gerais, Pima tem conquistado tão
agradável ambiente pela correcção
que sempre põe na luta e pela
«classe» que ressalta das
suas magníficas exhibições. Pode
até dizer-se, sem receio de exa-
gêro, que Nogueira Cardoso é o
mais completo jogador que o
«basket» português tem possuído!

A par destes valiosos qualida-
des de praticante, Pima é de mo-
destia exemplar, fruto do ma-
gnífico espírito desportivo que o
norleiro em todos os actos.

O Vasco da Gama tem razões
de sobra para se sentir orgulhoso
em possuir tão magnífico prati-
cante. E Pima é bem a expressão
máxima do valor da escola de
«basket» do simpático clube vas-
caino!

Especializado no desporto do

Stadium na Capital do Norte

ATLETISMO

CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS

após as primeiras provas de «corta-mato»

DEPOIS de um domingo de in-
tervalo, que separou as pro-
vas de preparação e adapta-
ção dos campeonatos regionais,
recomeça a actividade do «corta-
mato», cuja primeira parte deixou
óptimas promessas, na que respeit-
a existência de jovens praticantes.

É com êstes que a modalidade tem
de contar, visto que os dois anos
de inactividade não permitiram nos
que existiam o contacto indispensá-
vel para o seu normal progresso.

Claro que não devemos «contar
vitórias» imediata, estabelecendo con-
frontos com outras regiões.

É preciso, mesmo, que nos lemb-
remos desta verdade: campeões e
atletas famosos não se fazem em
trinta dias... Tudo se quer com
ponderação.

Depois de dois anos de apatia,
muito há a fazer, muita actividade é
necessário despendar para que os
bons tempos voltem e nos permit-
tem honrosos confrontos com os es-
tranhos — sobretudo se êstes «es-
tranhos» têm tido sempre vida regular
de trabalho.

Temos motivos para estar satis-
feitos: a A. P. A. oferece provas
aos clubes; êstes, por sua vez, con-

A reunião dos delegados dos
clubes para elaboração da
lista dos corpos gerentes a
apresentar na assembleia geral de
A. H. P., não correspondeu ao que
se esperava. Finalidade prática, não
houve; apenas... «bizantinices». Os
clubes, na quasi totalidade, to-
maram pouco a sério a responsabi-
lidade do assunto da convocatória,
procurando carpir-se de «persegui-
ções» de que se dizem «vítimas».

Embora quasi a meio da sua te-
refa, a C. Administrativa tem demo-
strado, pela regularidade do torneio
oficial, a evidência do seu optimo

«balão ao cesto» — e só com a
especialização um praticante
pode dar a medida exacta dos
seus recursos — tem contudo re-
velado também qualidades apre-
ciáveis para o «handball» e para
o atletismo. Na primeira modali-
dade — embora de passagem e
num gesto de colaboração que
falou alto e claro do seu espírito
desportivo — mereceu a honra de
fazer parte do team campeão de
Portugal; na segunda, venceu
com merecimento uma prova de
300 metros e revelou-se elemento
de futuro. A sua paixão pelo
«basket», porém, não consentiu
que o atletismo fosse enriquecido
com tão promeçador elemento — e
foi pena...

Em síntese: António Nogueira
Cardoso (Pima) pertence ao nú-
mero dos desportistas portugue-
ses que é justo exaltar e apontar
como exemplo.

correm a elas com equipas nume-
rosas e promeçadoras; as compeli-
ções disputam-se com regularidade;
e o público mostra-se interessado e
entusiasmado. Assenta nestas agra-
dáveis realidades o ressurgimento
do «corta-mato» — do atletismo por-
tuguês. E isto quer dizer que mar-
chamos pelo melhor caminho. Mas
marchemos com calma e bom senso
— neste caso traduzidos por con-
hecimentos técnicos.

Um Pôrto-Lisboa, em «corta-
mato», para seniores, por exemplo,
não seria de aconselhar nesta
altura. Quando muito, iríamos para
uma competição do mesmo género,
mas em «juniores» e desde que o
encontro ficasse combinado de ma-
neira a permitir melhor preparação
à equipa portuguesa.

Repellidos: o atletismo nortenho
está a viver em ambiente de exaltado
entusiasmo e está a ser orientado
por homens de boa-vontade — mas
não devem ser precipitados os acon-
tecimentos: deixem que tudo
decorra dentro da normalidade,
para que os alicerces de um ressurg-
cimento sólido não assentem em
areia...

EDUARDO SOARES

NOTAS DA SEMANA

Bons sinais!...

Parece que «passou o tempo» em
que as eleições nos clubes ou asso-
ciações eram disputadas com calor,
por vezes até tempestuosamente.

Uma onda de bom senso — que
dure muito, é o nosso desejo —
parece estabelecer-se entre os des-
portistas portugueses. Sintoma disso
são os factos últimamente assinala-
dos com a reeleição da direcção do
F. C. do Pôrto, a qual continuará
a presidir a figura saliente do con-
hecido desportista dr. Cesário Bonito,
rodeado por quasi todos os seus
colegas da direcção cessante, e a
unanimidade de vistas registada na
reunião preliminar dos clubes filia-
dos na Associação de Futebol do
Pôrto, reconduzindo, em princípio,
o trio central d'êste organismo —
Alberto de Brito, Orlando de Sousa
e eng.º Fernando Gaspar, respecti-
vamente presidente, secretário-geral
e tesoureiro.

Basta agora, segundo parece, re-
duzir um óbice: a aceitação dos
reconduzidos, que já estão a traba-
lhar, há duas épocas.

É de prevêr que os actuais diri-
gentes associativos, reconhecendo a
vontade dos delegados dos clubes
filiaes, façam novo sacrifício, man-
tendo-o no seu posto mais um ano.

Correia Dias

Carecem de fundamento os boa-
tos postos a circular sobre a gravi-
dade do acidente ocorrido ao avan-
çado centro do F. C. do Pôrto, no
jogo entre o seu clube e o Bele-
nenses.

Entretanto, o caso não deixa de
ter consequências, pelo menos o

(Continua na página seguinte)

HANDBALL

Notas e comentários

trabalho. Os seus membros, escolhi-
dos com felicidade pelo sr. delegado
da Direcção Geral de Desportos,
valem principalmente pela harmonia
do conjunto. Poucas vezes têm pas-
sado pelas cadeiras da associação
regional elencos tão equilibrados.
Temos acompanhado de perto a
sua actividade e, estabelecendo con-
fronto com outros elementos que
os antecederam, verificamos, sem
sombra de dúvida, vantagem nos
actuais. Aquilo que mais poderia
preocupar os clubes têm êles de-
monstrado — imparcialidade e leal
decisão.

Custa-nos, pois, a acreditar que,
nessa sessão, os delegados «esque-
cessam» o nome dêstes que, muito
nobremente, são os primeiros a de-
ixar o lugar aos outros.

Há, neste caso, dois pormenores
a lamentar: um, pela saída de tão
valiosos elementos, a modalidade
sofrer rude golpe, perda de conti-
nuidade; outro, pela attitude de alguns
oradores que, reproovendo certos
nomes, não tiveram o cuidado de
sugerir quem os substituisse. Isso
motivou nova reunião, que conti-
nuará, se os delegados não muda-
rem de attitude.

«O caso do Salgueiros», que
já tem sido debatido nestas colunas
(exposição do Fontinhas acêre

da inscrição de um jogador «encer-
nados»), foi tratado convenientemente
pela associação regional. Após a
conclusão do respectivo relatório,
esta entidade fê-lo remeter à Direc-
ção Geral, que resolveu ouvir um
director do clube, o jogador e o
médico que rubricou a ficha.

«O mau tempo prejudicou o
ritmo do campeonato, obrigando a
adiar os encontros Vigorosa-Sal-
gueiros e Pôrto-Sport, com o que
terminou a 1.ª volta.

O Vilanovense conseguiu passar
o seu temível obstáculo — o Des-
portivo — mantendo-se na posição
de candidato a campeão.

O resultado do Académico-Boa-
vista trouxe como consequência
maior aproximação num bloco de
cinco clubes, que se esforçam pela
conquista de uma posição repelida-
mente oscilante.

«A «Mocidade Portuguesa» (ela
Douro-Litoral) está a efectuar um
torneio de «handball» sob crescente
entusiasmo.

A Comissão Distrital de Arbitros
foi solicitada o concurso dos seus
juizes de campo, o que vem em-
presar à competição certo caracter
oficial.

TIRO

Mantem-se o interesse pela modalidade — A prova do Campo de Ourique

O desporto do tiro mantém-se com interesse. Se não fosse a situação anormal que se vive, afectando o custo das armas e munições, a modalidade teria atingido ainda maior desenvolvimento. Este aspecto era fácil de supor, ao verificar-se a quantidade de provas que se estavam efectuando.

Outro aspecto que veio valorizar a propagação do tiro foi a reabertura, aos atiradores civis, da carreira de Pedrouços. Neste ambiente se desenrolou a propagação da modalidade, ao mesmo tempo que revelou alguns nomes de bom valor.

No entanto, os nossos atiradores têm procurado manter a sua actividade — ajudada pelo entusiasmo de algumas secções de tiro, especialmente a Sociedade de Tiro n.º 2, o Campo de Ourique, o Benfica, o Gimnásio Clube e o Sporting. E não se esqueça a presença dos atiradores dos diversos grupos corporativos, animando excelentemente as provas organizadas pela F. N. A. T.

O Campo de Ourique, depois de ter feito disputar a prova «Iniciação», que reuniu 111 atiradores, organizou a taça «Outono» — 15 tiros para o alvo a 10 metros, posição deitado.

Os 117 atiradores inscritos, incluindo quatro senhoras, foram divididos por duas categorias. — Da prova concluíram-se já duas categorias, a B e a de senhoras.

Na primeira, José Pereira Araújo, do C. A. C. O., conquistou a vitória individual, com 148 pontos, e o clube organizador a de equipas.

A de senhoras foi conquistada pela benfiquense D. Ester Loureiro.

Na categoria A, onde estão agrupados os bons atiradores, Taborda Nascimento, do Atlântico, alcançou um primeiro posto, com 148 pontos, feitos em 5 minutos e 34 segundos. Mas na última sessão, Almeida Santos, do Banco Espírito Santo, alcançou o primeiro máximo. E a série dos melhores está ainda a atirar...

F. S.

AVIOMINIATURA

no C. A. Campo de Ourique

A SECÇÃO de Aviominiatura do Clube Atlético de Campo de Ourique está procurando, dentro das suas possibilidades, desenvolver o gosto pela aviação — e para isso pensou na organização de conferências sobre matéria aeronáutica.

A primeira, que deve realizar-se nos princípios deste mês, e será proferida pelo eng. Varela Cid, está subordinada ao título «A Aviominiatura e o voo sem motor».

Também está resolvido inaugurar-se brevemente o curso de aviominiaturas, que está despertando justificado interesse e é dirigido por Nuno Spínola e Júlio Pereira. Calcula-se que será elevado o número de alunos.

UMA FESTA DE «ARDINAS»

oferecida pelo popular Mesquita

O Mesquita — como é conhecido Domingos Mesquita, o popular hospedeiro de jornalistas, loureiros, artistas e homens de desporto — comemorou há dias o 7.º aniversário de fundação de sua casa. E como «única e modesta» comemoração, como nos escreveu, tomou a iniciativa de oferecer um belo almoço aos «ardinas», que os conhecidos artistas Mirtle Casimiro e Vasco Santos quiseram servir. Os rapazes passaram uma tarde maravilhosa — e o Mesquita ficou radiante. «Que seja feliz!»

Agradecemos os três convites enviados a «Stadium» por três dos nossos vendedores.

Sr. desportista!!

O uso do tabaco é um vício dos mais prejudiciais. Os seus terríveis efeitos opõem-se ao revigoramento do físico e torna-os inaptos e incapazes para as práticas e competições desportivas. Combata-o eficazmente com o

Elixir anti-fumante

Frasco 5\$00 Pelo correio 7\$00

À venda: em Lisboa, SIR, rua dos Fanqueiros, 202, 2.º, dt.º; no Pôrto, Azevedo & Morgado, Limitada, rua Mousinho da Silveira, 248.

II DIVISÃO NACIONAL

NÃO esmorece o entusiasmo dos concorrentes ao campeonato nacional da II Divisão. Domingo a domingo, todos os que são chamados à liça continuam a dar mostras de interesse, embora para alguns as esperanças estejam já perdidas. Esses lutam, certamente, pela conquista de um resultado honroso, que constitua lenitivo ou almejada desforra.

Manteve-se a média de desafios de cada jornada. Para o último domingo estavam marcadas trinta e cinco e, que sabemos, só um não se efectuou por lamentável falta de comparência de um dos contendores — o Fósforos. Crémos que o facto ainda não se tinha verificado na actual prova.

A vantagem de jogos em casa não se fez notar grandemente, pois o número de vitórias alcançadas por visitados em muito pouco excede o número de triunfos conseguidos por visitantes.

O melhor resultado pertenceu ao União de Coimbra, com 12-1, mas os 9-0 do Atlético, os 9-1 do Oliveirense e os 7-1 da C. U. F. são, também, de assinalar.

Em algumas séries a luta continua indecisa. Assim, na série 2 (grupo A), o Sporting de Braga e o Boavista parecem apostados em decidir entre si a questão da passagem à segunda fase da prova. O Coimbrões não foi capaz de obter segunda vitória e o Leça não teve talento para vencer um clube mais modesto: o Infesta.

O Famacão, sem jogar, ganhou. E que o seu mais directo competidor foi perder com o C. D. Aves. A luta União de Lamas-Ovarense foi equilibrada, o Leixões, visitante, venceu muito bem o Académico e o Sporting de Espinho perdeu por mais folgada margem do que se podia esperar.

No grupo B, o Oliveirense continua em evidência, tal como o Sanjoanense, que se mostra regular, mas sem o alarde de outras épocas. O União de Coimbra não teve adversário à altura. O Anadia regressou da Lourosa derrotado, mas o «score» não é deshonroso. O Sacavenense mereceu a vitória sobre o Águia Vilafranquense e o C. U. F. mostrou-se disposto a voltar aos resultados expressivos.

No grupo C, o Atlético revelou nitida superioridade sobre os alcabacenes. O Operário Vilafranquense desembarçou-se bem do «Ferroviários». O Casa Pia foi adversário difícil para o Futebol Benfica, tal como o Gimnásio do Sul para o Chelas. O Torreense mostrou-se melhor do que o Marvilense.

O Olivais experimentou dificuldades, que não pôde vencer, no Seixal. O Luso do Barreiro inferiorizou-se demasiadamente perante o Onze Unidos.

O Alhandra perdeu com o Barreirense — favorito da série — mas deu boa conta do recado. Ficou reduzido a dez homens e mesmo assim obteve o melhor resultado das equipas visitantes do campo do Rossio.

O C. U. F. do Barreiro ganhou bem ao Alcochetense com o mérito de ter sido visitante.

No grupo D, o Sporting da Covilhã ganhou ao Covilhanense por um resultado modesto. Mas repare-se que oito dias antes o vencido havia derrotado o S. L. Castelo Branco, que no domingo se limitou a empatar com os «encarnados» da Covilhã.

O Portalegrense, em subida de forma, não pôde tirar partido da vantagem de jogar em casa, perdendo com o campeão distrital: o Sport Lisboa e Elvas. O União de Montemor garantiu as suas aspirações, vencendo o Lusitano de Évora. No distrito de Beja, as vitórias do Moura A. C. e do Luso S. C. estavam dentro das previsões.

No Algarve houve descanso.

ZÉ DO PEÃO

NO PRÓXIMO NÚMERO:

UMA DUZIA DE EXERCÍCIOS GIMNÁSTICOS DE PREPARAÇÃO FÍSICA . . .

VI — . . . para os lançadores de dardo

NOTAS DA SEMANA

(Continuação da página anterior)

seu afastamento do grupo durante certo espaço de tempo. Isto sem falar no abatimento moral do jogador, provocado pelo desastre.

Há mesmo quem admita a hipótese de Correia Dias não voltar a pisar terrenos de futebol, pelo menos esta época. Parece que se levantam arios de ordem especial, os quais nada têm com o clube. Fazemos votos porque esses boalos não se confirmem, pois Correia Dias ainda não tem quem o substitua no eixo do ataque dos «azul-brancos».

Pôrto-Galiza e Pôrto-Astúrias

Prosseguem as negociações à volta destes projectados encontros de futebol. Quanto ao Pôrto-Galiza, as informações dizem que se achou uma data provável — a do Portugal-Espanha. A ser assim, o seleccionado portuense estará nitidamente desfalecido de alguns dos seus melhores elementos, indispensáveis na turma, por terem sido chamados para a selecção nacional.

Sobre o Pôrto-Astúrias, afirma-se que tudo indica que o jogo se fará no encerramento da época de 1944-1945, portanto lá para Junho, talvez.

Entretanto, os dirigentes portuenses multiplicam os seus esforços, afim de levarem a bom termo as negociações.

«Mocidade Portuguesa»

Prosseguem com regularidade os jogos de campeonato da ala do Pôrto da «M. P.». Os alunos que frequentam a Escola de Árbitros, em turma especial de adestramento, começaram já o praticar no campo, servindo de juizes de linha e, na falta de árbitros oficiais, dirigindo mesmo as partidas. Isto só se depõe em favor do seu aproveitamento, pois com um reduzido número de lições estão já a dar provas prometedoras.

Oxalá que o exemplo frutifique e que novos filhados da «Mocidade» frequentem a Escola de Árbitros, entregues aos cuidados técnicos do professor Manuel Monteiro, que está satisfeitíssimo com os seus alunos.

ATLÉTISMO

Carlos Miranda, do F. C. do Pôrto, ganhou o campeonato regional de «corta-mato», «estreatantes».

Foi magnífica, sob todos os títulos, a primeira jornada dos campeonatos regionais de «corta-mato». Disputou-se agora o de «estreatantes». Boa organização, muito público e muito entusiasmo.

O F. C. do Pôrto e os seus atletas figuraram em primeiro plano, a demonstrar o bom trabalho do primeiro e as excelentes qualidades dos segundos. Carlos Miranda, o vencedor individual — atleta revelado na prova da «Stadium» — correu com autoridade e confirmou totalmente a boa impressão que deixara nas organizações anteriores.

— Ao F. C. do Pôrto coube a Taça «Álvaro Barroso». A classificação geral: 1.º, Carlos Miranda, F. C. do P., 13'24"; 2.º, Leonel Silva, idem; 3.º, Abílio Nunes, Académico; 4.º, Joaquim Rodrigues, F. C. do P.; 5.º, Franklin Cardoso, Operário; 6.º, Samuel Magalhães, Académico; seguiram-se: Francisco Prata, F. C. do P.; César Alves, idem; Manuel Silva, idem; António Coutinho, Académico; António Vieira, F. C. do P.; Humberto Campos, idem; e Mário Portela, idem.

Por equipas: F. C. do Pôrto (1.º, 2.º e 4.º) 7 pontos 2.º Académico (3.º, 6.º e 8.º) 17 pontos.

ESGRIMA

Taça «Gimnásio Clube Português»

— Começou ante-ontem a disputa deste torneio, organizado pela «sele de armas que lhe dá o nome e jogado entre equipas de três atiradores, so florite. Oportunamente lhe faremos a merecida referência.

Ano III — Lisboa, 7 de Fevereiro de 1945 — II Série — N.º 114

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
TELEFONE 5 1146 — LISBOA
Execução gráfica de NEOGRÁVURA, LDA. — LISBOA
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

no SPORTING-F.C. do PORTO



Cardoso despacha a bola e Falcão, embalado, choca com o pé do adversário



Peyroteo escapara-se aos defesas portuenses mas Barrigana salvou a situação



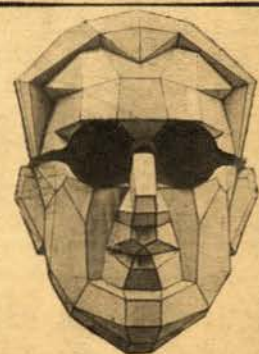
Flagrante instantâneo durante um ataque dos «leões». Peyroteo e António Marques são batidos em tempo por Alfredo



Mais uma vez é Barrigana que inutiliza a acção de Peyroteo

CAMPEONATO DE FUTEBOL DE JÚNIORES

No jogo Sporting-Casa Pia captou-se esta defesa que não fica a dever em beleza atlética ao futebol dos «grandes»...



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865

Depositária das lentes "ZEISS"

Binóculos, Termómetros

Bússolas de marcha, etc.

Aparelhos de Precisão

136, RUA DA PRATA, 140

Telefone 2 2829 LISBOA